

Nietzsche Educador

*Pedro Goergen**

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo, Scipione, 1991. 117 p.

Ao iniciar a leitura de *Nietzsche Educador* de Rosa Maria Dias, lembrei-me de um episódio que ocorreu comigo quando, ainda jovem doutorando de uma universidade alemã, tentava convencer meu orientador a aceitar como tema de minha tese determinado recorte da obra de Nietzsche. O famoso professor traduziu seu espanto, dizendo que já eram tantos os trabalhos sobre este autor que, reunidos, encheriam a biblioteca. Insinuava com isso ser pretensioso da parte de um doutorando escrever algo de novo sobre um clássico filólogo e filósofo alemão, tão difícil quanto polêmico e pesquisado. Talvez influenciado pela marca que esta ocorrência deixou em mim, fiquei um tanto cético ao receber, para resenha, um livro de volume reduzido, aparentemente "leve", com texto e fotografia intercalados sobre Nietzsche. Para mim, não correspondia à seriedade com a qual se deveria abordar um autor como Nietzsche. Confesso que talvez não lesse o livro, não fosse pela resenha que aceitara escrever. O compromisso foi providencial, pois, à medida que avançava com a leitura, aquela imagem subjetiva inicial foi cedendo lugar a uma impressão muito positiva. Não porque a leitura me convencesse que tinha em mãos um estudo aprofundado sobre a obra do filósofo alemão, mas porque a delimitação precisa do tema, a cuidadosa elaboração do texto e a conscienciosa exclusão de juízos genéricos sobre Nietzsche foram demonstrando a seriedade e honestidade que a autora se impunha para interpretar um determinado aspecto da vida e da obra de Nietzsche.

Nietzsche Educador expressa com precisão o que o livro pretende ser e o que, de

fato, ele é. No caso, "educador" não é apenas o teórico que elabora conhecimentos sobre a educação, mas, além disso, alguém que vai à sala de aula, onde se encontra e, por vezes, se defronta com seus alunos. Penso que seja esta a razão por que a autora, do início ao término do texto, mantém viva aos olhos do leitor, de um lado, a figura humana do professor Friedrich Nietzsche que prepara e ministra com dedicação suas aulas, alimenta esperanças, alcança sucessos e sofre desilusões, e, de outro, a imagem do Nietzsche pensador que formula elevadas teorias de complexos estudos históricos e culturais.

Um detalhe importante que o leitor deve levar em conta antes de ir ao texto é a indicação do público que se pretende atingir. O livro é recomendado a estudantes do curso de Magistério, nas disciplinas de filosofia e História da Educação, a professores de 1º e 2º graus e estudantes de Pedagogia e Filosofia. Fica claro que não se trata de um livro para especialistas, atentos a sutilezas filosóficas ou filológicas, mas de um texto que expõe de forma simples, porém esmerada e cuidadosa, o pensamento de Nietzsche sobre educação, na expectativa de que sirva para jogar luz sobre temas atuais.

O texto inicia com a cronologia dos acontecimentos mais importantes que marcaram a vida e a obra de Nietzsche. A inclusão desta cronologia justifica-se como marco de orientação para aqueles que, talvez pela primeira vez, se aproximem da obra deste autor. Serve também para indicar, plasticamente, onde se localiza, no contexto geral da vida e da obra do filósofo, o período e as obras a serem analisadas. Trata-se dos anos entre 1870 e 1876, o período inicial de sua vida produtiva. Conheceu Schopenhauer (filosofia), Wagner (música) e Burckhardt (história), certamente os três personagens de maior influência sobre seu pensamento, e agora começava a tornar públicos, através de pa-

* Prof. do Departamento de Filosofia e História da Educação da UNICAMP.

lestras e escritos, seus estudos sobre os gregos. Esses autores e o pensamento grego inspiravam, em grande medida, seu pensamento sobre educação e cultura, fixando nas cinco palestras que tinham como tema o sistema educacional alemão e nos quatro textos polêmicos chamados "Considerações Extemporâneas". Estas são as fontes que a autora usa, recorrendo, oportunamente, a escritos posteriores, como recurso para obter maiores esclarecimentos.

Após estes dados iniciais, o leitor é conduzido, com muita sensibilidade, primeiro para o campo prático, no qual Nietzsche está envolvido na prática educativa. Tanto no "Gymnasium", quanto na Universidade de Basileia, foi professor dedicado, preocupado com a formação intelectual e humana de seus alunos, fossem eles muitos ou poucos. Não os queria intelectualmente curvados, subservientes ou repetidores, mas originais e criativos. O conhecimento adquirido não deveria ter um fim em si, mas estar a serviço de uma vida melhor. Apesar das aparências, Nietzsche não era favorável a uma educação utilitarista que apenas servisse aos interesses do Estado, dos comerciantes ou que não ultrapassasse o nível jornalístico. Era contrário tanto a este tipo de educação, quanto a uma educação meramente teórica. Sua preocupação, sem negar a necessidade de formação profissional, era com a educação do ser humano livre e único, chamado a lutar pelo alcance de estágios mais elevados de cultura. E por cultura, vale repetir, não entendia quantidade de conhecimento. Dito de forma simplificada, cultura significa, para Nietzsche, o uso, pelo homem, do conhecimento e de sua capacidade criativa para responder às necessidades da vida. Por isso mesmo, tinha profundo respeito pela cultura popular e era crítico da cultura de massa. Acreditava insuficiente nivelar a educação, ministrando certos conhecimentos a todos. Desde seu enfoque, o que importa a Nietzsche é oferecer condições para que o ser humano, livre e individual, possa ser original e criativo. A verdadeira cultura nasce do gênio, do individual e não da vulgariza-

ção. Criação cultural não deve ser confundida com democratização do conhecimento.

Foi precisamente por estar convencido de que os estabelecimentos educacionais do seu tempo ministravam uma educação que levava os indivíduos a assumirem um comportamento similar ao de animais de rebanho que aponta contra eles os canhões de sua crítica. Na Universidade, dizia, não há lugar para indivíduos autênticos e criativos. A educação ali ministrada é niveladora, induzindo os jovens a correr atrás de costumes e opiniões alheias. Por estar interessado apenas na transmissão de conhecimentos e habilidades, úteis para ganhar mais dinheiro, Nietzsche acusa a educação do seu tempo de ser destruidora da cultura alemã.

A segunda e a terceira partes do livro concentram-se sobre o tema da cultura ou incultura e sua relação com a educação. Para Nietzsche, o saber tornara-se apenas um adorno para enfeitar a vaidade dos eruditos e somente útil ao indivíduo. Na verdade, o sentido de cultura nasce da vida que deve engendrar e do sentido novo que deve dar às coisas. Cultura e vida andam juntas, de modo que o saber deve estar a seu serviço. Ainda que cultura sempre nasça do individual, seu sentido maior não se esgota no indivíduo.

No campo da educação, Nietzsche detecta três tendências que têm reflexo negativo sobre a cultura, segundo ele. Há um tipo de cultura que busca a disseminação máxima de conhecimentos, na expectativa de, com isso, ampliar também ao máximo a produção, o que, supostamente, representaria mais felicidade. Outra tendência é a "redução da cultura", que deseja para os indivíduos apenas os conhecimentos necessários para servirem bem ao Estado. A última é a "cultura jornalística", que bebe dos outros e vive do instante. A educação que se orienta em qualquer uma dessas três correntes não é, segundo Nietzsche, uma educação voltada para a cultura.

Estes são alguns temas recolhidos um pouco desordenadamente do texto de R. M. Dias. Seu maior mérito está em tornar

acessível ao leitor não especializado um pensador clássico de enorme importância, sem desvirtuá-lo. Através de um estilo simples e atraente, supera as dificuldades da linguagem técnica, deixando entrever a figura de um educador, em teoria e prática, crítico, ativo e simpático. De algum modo, atende ao desejo do próprio filósofo, que queria ver a história a serviço da vida. A obra de Nietzsche, agora histórica, é feito pensamento vivo, capaz de estimular a reflexão sobre problemas atuais e gerar vida nova. Contudo, é preciso não esquecer, e nisso não há demérito, que a simplicidade e facilidade de acesso tem, ao lado das vantagens, um preço a pagar. O texto não pode se deter, em nenhum momento, no filólogo brilhante nem no filósofo genial e menos ainda na figura extremamente polêmica que foi e continua sendo Nietzsche. É bom que o leitor esteja ciente disso e talvez seja oportuno avisá-lo. Há muitos críticos que, considerando a globalidade de sua obra, não vêem em Nietzsche uma figura tão harmoniosa, nem acham suas idéias tão palatáveis quanto o texto de R. M. Dias pode deixar transparecer. Isto, porém, é um detalhe que não compromete o valor do texto.

“Filosofar no Presente”

*Stlvio Gallo**

CANIVEZ, Patrice. *Educar o Cidadão?*, Campinas, Papyrus, 1991, 241 p. (Coleção *Filosofar no Presente*).

O debate em torno da necessidade da construção da cidadania tem sido uma das poucas unanimidades nas discussões políticas no país. Após décadas de amortecimento em nossos desejos e aspirações pela participação nas tomadas de decisão acerca dos destinos de nossa comunidade, precisamos reaprender a ser cidadãos. E no-

vamente a escola é chamada a desempenhar seu importante papel político-social. Tanto na retórica oficial quanto no discurso dos professores militantes, a questão da cidadania encontra eco.

A discussão, entretanto, raramente ousa ganhar tons mais profundos; fala-se em “cidadania” como se fosse esse um conceito universal e unívoco, o que está razoavelmente longe da verdade: diversos matizes e interpretações do termo grassam no imaginário popular.

É nesse contexto que recebemos com entusiasmo o lançamento entre nós da obra de Patrice Canivez, que ousa levar o debate para as “profundezas” da filosofia, na busca de encontrar o real sentido de se “educar o cidadão”.

A obra singular apresenta um denso ensaio do autor que circula com desenvoltura pela história da filosofia, de Platão a Hannah Arendt, de Aristóteles a Eric Weil, passando por Rousseau, Kant e Foucault, entre outros; segue o ensaio uma seleção de 28 textos curtos, extratos de obras dos importantes autores que dão o suporte teórico para o debate.

O ensaio, por sua vez, divide-se em seis partes, partindo do conceito mesmo de cidadania e suas implicações históricas, para desvendar as relações políticas e as reais possibilidades de uma educação voltada para o seu exercício.

O cerne da primeira parte é a distinção sobre o Estado, a sociedade e a comunidade política. É a cidadania que garante ao indivíduo o *status* de pertencer a uma comunidade, a um Estado; como já havia alertado que a cidadania é um conceito historicamente datado — uma coisa era ser “cidadão” na antiga Atenas, outra o era ser durante a Revolução em França —, o autor debruça-se sobre as características que poderiam garantir uma certa universalidade ao conceito, passando pela identidade nacional e pela ação política. Discute a relação Estado e democracia, procurando caracterizar a democracia na sociedade con-

* Professor de Filosofia, é doutorando no Departamento de Filosofia e História da Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP.